

Vítimas do banditismo

Como se recuperam crianças em Tete

Dom.
13/12/87

por Abílio Mondlane

A província de Tete é uma das mais afectadas pelas calamidades no nosso País. Como se não bastasse a seca que assola aquela parcela do território moçambicano, o vandalismo dos bandidos armados à soldo de Pretória, para além de produzir deslocamento massivo da população, origina o orfanato ou a separação entre os pais e seus filhos menores.

Para fazer cobro a esta situação, são notórios os esforços levados a cabo pelas estruturas provinciais, no sentido de garantir o míni-

mo de condições para as populações deslocadas reduzirem, com o seu próprio trabalho, a sua dependência dos donativos, produzindo os seus próprios alimentos.

São exemplos desse facto, a transferência da população inicialmente acomodada no Centro de Moatize para Benga, mais próximo do rio, oferecendo-lhe melhores condições para o desenvolvimento da agricultura, para a construção e mesmo para criação de animais de pequeno porte.

Processo igual decorre em

Chitima e Mufa, onde cada sector de actividade se preocupa por garantir as condições necessárias ao retorno da vida das populações, que, deslocadas das suas anteriores zonas habitacionais, ali pretendem reconstruir a vida. Aí, então, vimos os esforços desenvolvidos pelos vários sectores da vida sócio-económica do País, na busca de água potável, no fornecimento da enxada, da semente, na busca de melhores terras para agricultura.

Em paralelo com a problemática de deslocamento, a sanha assassina dos inimigos da paz tem vindo a aumentar cada vez mais o número de crianças órfãs, para além das

que, na fuga, se separaram dos seus pais e não se conhece o paradeiro — nem os pais o dos filhos, nem os filhos o dos pais. Acerca deste assunto, «titia» Cândida Carlos Chaúque, responsável do infantário de Tete, ofertou-nos um pedaço de conversa sobre o assunto:

«As crianças chegam de todos os cantos da província. As suas histórias são bem diferentes. Umás são órfãs e assistiram os maus tratos de que os seus pais foram vítimas; outras perderam um dos pais e não sabem o paradeiro do outro; outras ainda, cujos pais foram sequestrados pelos BA's».

Cândida fez-nos saber ainda, que o centro tudo faz para a busca de uma forma de criar um ambiente que permita a reintegração de cada criança, apesar das várias di-

ficuldades na área alimentar e de vestuário para as crianças residentes no centro.

As crianças utentes do centro, a partir da idade escolar, passam a frequentar as escolas primárias, regressando ao centro onde decorre a sua vida, até que algum familiar apareça e transfira para si a responsabilidade pela educação de uma determinada criança. Outras crianças são adoptadas por pessoas que reúnam condições e tenham desejo de continuar o processo de educação das mesmas.

O tratamento deste delicado problema requer uma especialização de que os funcionários do centro carecem não obstante a formação que assumem como funcionários de um centro que acolhe crianças de proveniência diferente daquelas.